

# Orquestra Sinfónica

## do Porto Casa da Música

Martin André direcção musical

10 Dez 2021 - 21:00 Sala Suggia

ANO ITÁLIA



casa da música

MECENAS PRINCIPAL CASA DA MÚSICA





Maestro Martin André sobre o programa do concerto.

VIMEO.COM/654066961

A CASA DA MÚSICA É MEMBRO DE



## **Hector Berlioz**

Abertura *O Carnaval Romano*, op. 9 (1844; c.9min)

## **Ottorino Respighi**

*Vetrata di Chiesa*, quattro impressioni per orchestra (1926; c.27min)

1. La fuga in Egitto (Fuga para o Egipto)
2. San Michele Arcangelo (São Miguel Arcanjo)
3. Il mattutino di Santa Chiara (As matinas de Santa Clara)
4. San Gregorio agno (São Gregório Magno)

PAUSA TÉCNICA

## **Richard Strauss**

*Aus Italien*, op. 16 (1886; c.45min)

1. Auf der Campagna (Na Campagna)
2. In Roms Ruinen (Nas Ruínas de Roma)
3. Am Strande von Sorrent (Na Praia de Sorrento)
4. Neapolitanisches Volksleben (Vida Popular Napolitana)

## Hector Berlioz

LA CÔTE-SAINT-ANDRÉ, 11 DE DEZEMBRO DE 1803  
PARIS, 8 DE MARÇO DE 1869

### Abertura *O Carnaval Romano*, op. 9

A história da abertura *O Carnaval Romano* tem a sua origem no retumbante insucesso da ópera de Berlioz *Benvenuto Cellini*. As primeiras apresentações em Paris, em 1838, não foram além da terceira récita, e a ópera, acusada de problemática e complexa, é ainda raramente levada à cena. No entanto, Berlioz decidiu adaptar um dueto vocal e uma cena de Carnaval para uma nova obra orquestral, estreada em 1844. Contrariamente à ópera, a abertura *O Carnaval Romano* alcançou grande popularidade ainda em vida do compositor. Para esse sucesso contribuíram a combinação de lirismo e vivacidade que a caracterizam, assim como a apurada técnica de orquestração de Berlioz.

O carácter de *O Carnaval Romano* evidencia as temáticas originais dos excertos da ópera que Berlioz adaptou. Após uma breve e intempésta introdução pelo *tutti* orquestral, a abertura integra duas secções principais. A primeira, mais lenta e de cariz vocal e operático, resulta da adaptação de um dueto de amor. A melodia principal é exposta pelo corne inglês, sucedendo-se apresentações desse tema também nas violas de arco e nos violinos. A vocalidade da secção é reforçada pela utilização de instrumentos de tessitura média: o corne inglês e as violas. A segunda secção, de grande brilhantismo, corresponde a uma cena de Carnaval da ópera e deu o título a esta abertura. A alusão a festividades populares transparece na utilização de instrumentos de percussão como os tamborins, os címbalos e o triângulo, aliados a um ritmo contagiante de *saltarello* (dança tradicional italiana com raízes na Idade Média).

## Ottorino Respighi

BOLONHA, 9 DE JULHO DE 1879  
ROMA, 18 DE ABRIL DE 1936

### *Vetrata di Chiesa*, quattro impressioni per orchestra

A cantora Elsa Olivieri-Sangiacomo, com quem o compositor italiano Ottorino Respighi se casou em 1919, incentivou o gosto do marido pelo canto gregoriano, e este facto poderá ter influenciado a criação de alguns dos conteúdos musicais que o compositor explorou na sua obra sinfónica *Vitrais de Igreja*. Foi no ano do seu casamento que Respighi começou a composição de um conjunto de três Prelúdios para piano, sobre melodias gregorianas, que constituíram a base para *Vetrata di chiesa*, concluído em 1926 com a adição de um 4.º andamento. A obra reflecte, no seu todo, a intersecção entre um estilo romântico tardio e o canto gregoriano medieval, numa simbiose original marcada pela expressividade, pela exaltação espiritual e por uma orquestração requintada. Constituída por quatro andamentos (“Quatro Impressões para Orquestra”), a obra segue uma linha temática que lhe foi atribuída apenas após a sua composição, contrariamente ao que seria expectável. Claudio Guastalla (1880-1948), libretista e amigo de Respighi, foi responsável por várias associações programáticas e textos que fundamentam cada andamento, e que poderão apoiar uma audição informada por essas descrições.

Assim, o primeiro andamento, “Fuga para o Egipto”, representa uma passagem do Evangelho segundo S. Mateus que descreve este episódio e a viagem no deserto, sob a noite estrelada, de uma pequena caravana transportando o “Tesouro do Mundo”. Lento e melancólico, o andamento abre com uma melodia exposta pelos clarinetes, mas o carácter intensifica-se

com a apresentação de uma longa e expressiva melodia nos violoncelos, também em diálogo com os clarinetes e os oboés. A utilização de vários naipes em função solística é recorrente, destacando o constante diálogo entre estes, frequentemente pontuado pela delicadeza das intervenções da harpa. O andamento apresenta ainda uma secção intermédia em tempo um pouco mais rápido, antes do retorno à melancolia do tempo inicial, desvanecendo-se num sussurro final das cordas.

O segundo andamento, “São Miguel Arcaño”, remete para a homilia de S. Gregório no Evangelho segundo S. Mateus, descrevendo uma grande batalha nos céus que envolve um dragão e os seus anjos malévolos contra o Arcaño Miguel e os seus anjos. Respighi, logo desde o início, recorre a acompanhamentos constituídos por sucessões de escalas ascendentes e descendentes, em registo médio e agudo, que sugerem o voo ou o bater de asas, como pano de fundo para uma melodia assertiva e imponente, apresentada em uníssono e oitavas pelos instrumentos de cordas e sopros de tessituras graves. As trompas, em particular, sobressaem na apresentação de motivos melódicos, e o seu timbre simultaneamente aveludado e afirmativo confere particular destaque a esses motivos. A passagem destes motivos melódicos para os naipes de violinos anuncia o regresso aos conteúdos do início do andamento, em que trompetes e trombones reforçam o tom assertivo do tema principal. Uma secção intermédia em tempo mais lento coloca em destaque um motivo melódico de grande placidez para trompeta — a que respondem os restantes naipes com excertos desse motivo — e intervenções pontuais da harpa. Um breve regresso aos conteúdos da secção inicial e uma sequência de saltos melódicos, como que a sugerir uma ascensão aos céus, marcam o final apoteótico.

“As matinas de Santa Clara”, o terceiro andamento, evoca um episódio em que a santa é transportada por anjos até à igreja de S. Francisco. O acompanhamento de violinos com surdina e violas de arco em harmónicos cria um ambiente etéreo, a que se sobrepõe o primeiro motivo melódico nas flautas e nos fagotes. Embora a adição de mais naipes vá aumentando a expressividade deste andamento, predomina um ambiente de contemplação que mesmo as secções mais intensas nunca perdem, reforçado pela utilização de instrumentos de timbre delicado e evocativo, como a celesta, o sino ou a harpa.

O último andamento é dedicado a São Gregório Magno, papa do final do séc. VI a quem está associado o estabelecimento do canto gregoriano. A introdução deste andamento apresenta notas longas nos violoncelos e contrabaixos, a que se junta também o piano, e os vários naipes entram desfasados, também em notas longas, criando um ambiente estático e reverencial. O andamento torna-se um pouco mais rápido e adquire um cariz melódico, mas sempre com ênfase particular nos instrumentos de registo grave, reforçados pelo órgão. Os tímpanos, através dos seus efeitos percussivos reiterados e obsessivos, contribuem para a construção de um clímax. Irrompe bruscamente um solo para órgão, em tom de coral sacro, a que se seguem excertos homofónicos que justapõem secções veementes com outras em que Respighi abordou efeitos específicos: a utilização de surdinas e harmónicos, a exploração dos registos graves, ou a utilização de notas e motivos repetidos para a criação de novo clímax final.

## Richard Strauss

MUNIQUE, 11 DE JUNHO DE 1864

GARMISCH, 8 DE SETEMBRO DE 1949

### *Aus Italien*, op. 16

No Verão de 1886, Richard Strauss, instado pelo seu amigo e mentor Johannes Brahms, viaja até Itália, regressando totalmente cativado por esse mundo de cultura e belezas naturais que tinha experienciado. Este tipo de viagens por países europeus para enriquecimento cultural não era invulgar, já que era uma prática corrente desde o séc. XVII — não só para jovens adultos de famílias abastadas mas também para artistas que procuravam, nomeadamente na península itálica, a inspiração para as suas criações e o conhecimento da cultura, da arte e da história dessa zona geográfica. Aliás, outros compositores como Mendelssohn e Berlioz tinham também trazido das suas viagens a Itália influências que estão patentes em obras sinfónicas.

Enquanto ainda estava em Itália, Strauss terá começado a registar motivos musicais que viria a integrar na fantasia sinfónica *Aus Italien* (Da Itália), completada no mesmo ano da viagem, quando o compositor tinha apenas 22 anos. A recepção da obra na sua estreia, em Março de 1887, não foi unânime, mas Strauss ficou bastante satisfeito com a relutância que esta levantou junto de parte do público, e descreveu-a como um ponto de viragem estilística da sua carreira. Tratando-se de uma obra de juventude, ainda apresenta uma estrutura remanescente da sinfonia, com quatro andamentos, mas já prenuncia a dedicação posterior de Strauss ao género do poema sinfónico (normalmente com um único andamento, aludindo a conteúdos extramusicais), que o levaria a compor *Don Juan* ou *Morte e Transfiguração* (1888-89).

*Aus Italien* apresenta conteúdos programáticos definidos pelo compositor, expressos nos próprios títulos dos andamentos. Assim, “Auf der Campagna” (Na Campagna) evoca a beleza das paisagens, apresentando uma introdução em estilo coral, com tons prolongados. Estática e solene, quase como uma representação de um nascer do sol, a massa orquestral é apenas pontuada por breves intervenções solísticas de instrumentos de sopro. Uma melodia expansiva expõe um primeiro tema principal reminescente das árias de ópera italiana do Romantismo, apresentado pelos primeiros violinos e violoncelos e sustentado pelo acompanhamento de acordes arpejados na harpa. Segue-se uma secção mais animada, contrastando com o lirismo anterior pela energia dos seus ritmos pontuados em tom de marcha. Mas o lirismo permanece, apesar da continuação dos ritmos pontuados em intervenções solísticas de alguns naipes (em particular dos sopros). No final do andamento, regressa o cariz contemplativo do início.

“In Roms Ruinen” (Nas Ruínas de Roma) é um andamento de ritmo marcado, uma visão luminosa dos restos de uma civilização. Strauss recorre, também aqui, à apresentação de motivos melódicos destacados em vários naipes, nomeadamente nos sopros. Um tema mais lírico, caracterizado pelo início de três notas repetidas, marca o contraste em relação à abertura do andamento. Aliás, a utilização de motivos relativamente breves, com características rítmicas e melódicas distintivas (ritmos marcantes e repetidos, saltos melódicos), constitui a base de um tecido orquestral que vai alternando texturas esparsas — com distribuição destes motivos por intervenções pontuais dos naipes — e texturas mais complexas — em que a combinação e a sobreposição contribuem para um contraste entre secções intensas e de maior leveza.

O terceiro andamento, “Am Strande von Sorrent” (Na Praia de Sorrento), apresenta também uma introdução com entradas faseadas de naipes, sublinhadas por um acompanhamento de acordes ascendentes na harpa, surdinas nas cordas e motivos de trilos. O primeiro tema melódico, exposto pelos primeiros violinos, sugere um carácter de placidez que predominará. Também se manterá como característica deste andamento o confronto entre melodias de cariz operático e acompanhamentos de motivos breves, evocando o canto das aves em várias passagens. Uma brevíssima secção intermédia, caracterizada por acompanhamentos fluídos e rápidos de uma melodia inicialmente exposta por um oboé solista, introduz um momento de contraste antes do regresso aos materiais inicialmente expostos.

O final, “Neapolitanisches Volksleben” (Vida Popular Napolitana), é baseado no famoso tema “Funiculi, funiculà”, criado pelo compositor italiano Luigi Denza em 1880. A utilização deste tema está associada a um equívoco: Strauss pensou que seria uma canção tradicional napolitana e foi mais tarde processado por Denza, a quem teve de pagar direitos de autor. A utilização deste tema, não obstante o equívoco que lhe subjaz, pretendia revisitar a música tradicional italiana através de procedimentos de variação musical. Assim, tanto o tema de Denza como os outros temas deste andamento revelam um carácter marcadamente rítmico, em estilo de dança ou recorrendo a motivos pontuados, procedimento reforçado pela utilização de instrumentos de percussão ou pela reiteração do tema principal com estruturas e orquestração diversas. O tempo rápido e a estonteante velocidade dos motivos de acompanhamento conferem um impulso enérgico ao andamento, apenas interrompido numa secção intermédia em que as intervenções pontuais e

alternadas dos naipes, ou os acompanhamentos da harpa, sugerem um cariz de leveza. No entanto, é em tom elegíaco e vitorioso que estas reminiscências de Itália terminam.

HELENA MARINHO, 2021

## Martin André direcção musical

Martin André apresenta-se com igual à-vontade nos teatros de ópera e nas salas de concerto de todo o mundo. É co-fundador e director do Islington Festival of Music and Art, que teve a sua primeira edição em Julho deste ano.

Depois de estudar violino e piano na Yehudi Menuhin School, Martin André prosseguiu os estudos musicais na Universidade de Cambridge e estreou-se profissionalmente a dirigir *Aida* na Ópera Nacional de Gales, em 1982. Em breve completará 40 anos de carreira a dirigir óperas e concertos em cerca de 30 países diferentes.

Tem um repertório de ópera vasto, mas é particularmente conhecido pelas suas interpretações de Janáček, Verdi e Mozart. É um dos raros maestros que trabalhou com todas as principais companhias de ópera britânicas, dirigindo obras como *Un ballo in maschera* (Royal Opera House) e as estreias britânicas de *Cornet Christoph Rilke* de Matthus e *The Makropoulos Case* (Glyndebourne Touring Opera). Dirigiu ainda obras de Lehár, Mozart e Janáček (Ópera Escocesa), Prokofieff, e ainda a estreia mundial de *Bakxai* de John Buller na English National Opera. Com a Opera North, dirigiu produções com música de Falla, Gounod, Janáček, Lehár, Martinů, Puccini, Rachmaninoff, Ravel e Verdi.

Em 1986, começou a dirigir óperas nos palcos internacionais, realizando a estreia norte-americana de *Da Casa dos Mortos* de Janáček com a Ópera de Vancouver. Fez a sua estreia nos Estados Unidos da América a dirigir *Carmen* na Ópera de Seattle. Tem trabalhado regularmente em países como Áustria, Canadá, República Checa, Dinamarca, Alemanha, Holanda, Israel, Itália, Nova Zelândia, Portugal, África do Sul e EUA.

O seu repertório sinfónico é também extenso e variado, destacando-se particularmente as obras de Mozart, Nielsen, Chostakovitch e Tchaikovski. Tem desenvolvido relações particularmente duradouras com a Sinfónica de Limburgo (Holanda), a Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música, o Collegium Musicum Bergen (Noruega) e a Orquestra Clássica da Madeira. Trabalhou com muitas das principais orquestras britânicas e de países como Austrália, Israel, México, Holanda, Noruega e Portugal.

Martin André tem um interesse particular em ajudar a nova geração de músicos, especialmente maestros. Tem uma relação próxima com o Royal College of Music (Londres), onde criou um Programa de Treino de Repertório Orquestral. Em 2006, fundou a orquestra portuguesa de jovens Momentum Perpetuum, que dirigiu durante cinco anos e com a qual fez uma digressão a Itália.

Entre 2010 e 2013, foi director artístico do Teatro Nacional de São Carlos, em Lisboa. Como tal, foi director executivo de duas das maiores instituições musicais portuguesas: a Ópera Nacional e a Orquestra Sinfónica Portuguesa. Para além das funções executivas, dirigiu várias produções, entre as quais uma trilogia de *La traviata*, *Il trovatore* e *Rigoletto* para comemorar o bicentenário de Verdi, em 2013. Com a Orquestra Sinfónica Portuguesa, dirigiu a integral das sinfonias de Mozart e outras grandes obras sinfónicas e corais.

Mantém uma relação estreita com Portugal, dirigindo frequentemente orquestras no Porto e no Funchal.



## Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música

**Stefan Blunier** maestro titular

**Christian Zacharias** maestro convidado principal

**Leopold Hager** maestro emérito

A Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música tem sido dirigida por reputados maestros, de entre os quais se destacam Stefan Blunier, Baldur Brönnimann, Olari Elts, Peter Eötvös, Heinz Holliger, Elihu Inbal, Michail Jurowski, Christoph König, Reinbert de Leeuw, Andris Nelsons, Vasily Petrenko, Emilio Pomàrico, Peter Rundel, Michael Sanderling, Vassily Sinaisky, Tugan Sokhiev, John Storgårds, Joseph Swensen, Ilan Volkov, Jörg Widmann, Ryan Wigglesworth, Antoni Wit, Christian Zacharias e Lothar Zagrosek. Diversos compositores trabalharam também com a orquestra, no âmbito das suas residências artísticas na Casa da Música, destacando-se os nomes de Emmanuel Nunes, Jonathan Harvey, Kaija Saariaho, Magnus Lindberg, Pascal Dusapin, Luca Francesconi, Unsuk Chin, Peter Eötvös, Helmut Lachenmann, Georges Aperghis, Heinz Holliger, Harrison Birtwistle, Georg Friedrich Haas, Jörg Widmann e Philippe Manoury.

A Orquestra tem pisado os palcos das mais prestigiadas salas de concerto de Viena, Estrasburgo, Luxemburgo, Antuérpia, Roterdão, Valladolid, Madrid, Santiago de Compostela e Brasil, estando programada para 2021 a sua primeira actuação na emblemática Philharmonie de Colónia. Ainda este ano, apresenta um ciclo dedicado às sinfonias de Sibelius e novas encomendas da Casa da Música aos compositores Luca Francesconi, Francesco Filidei e Carlos Lopes.

As temporadas recentes da Orquestra foram marcadas pela interpretação das integrais das Sinfonias de Mahler, Prokofieff, Brahms e Bruckner; dos Concertos para piano e orquestra de

Beethoven e Rachmaninoff; e dos Concertos para violino e orquestra de Mozart. Em 2011, o álbum “Follow the Songlines” ganhou a categoria de Jazz dos prestigiados prémios Victoires de la musique, em França. Em 2013 foram editados os concertos para piano de Lopes-Graça, pela Naxos, e o disco com obras de Pascal Dusapin foi Escolha dos Críticos na revista Gramophone. Nos últimos anos surgiram os discos monográficos de Luca Francesconi (2014), Unsuk Chin (2015), Georges Aperghis (2017), Harrison Birtwistle (2020) e Peter Eötvös (2021), além de obras de compositores portugueses e da integral dos Concertos para piano e orquestra de Rachmaninoff (2017), todos com gravações ao vivo na Casa da Música.

A origem da Orquestra remonta a 1947, ano em que foi constituída a Orquestra Sinfónica do Conservatório de Música do Porto, que desde então passou por diversas designações. Após a extinção das Orquestras da Radiodifusão Portuguesa, foi fundada a Régie Cooperativa Sinfonia (1989-1992), vindo posteriormente a ser criada a Orquestra Clássica do Porto e, mais tarde, a Orquestra Nacional do Porto (1997), alcançando a formação sinfónica com um quadro de 94 instrumentistas em 2000. A Orquestra foi integrada na Fundação Casa da Música em 2006, vindo a adoptar a actual designação em 2010.

**Violino I**

Martyn Jackson  
 Álvaro Pereira  
 Radu Ungureanu  
 José Despujols  
 Evandra Gonçalves  
 Maria Kagan  
 Ianina Khmelik  
 Vladimir Grinman  
 Emília Vanguelova  
 Vadim Feldblioum  
 Roumiana Badeva  
 Alan Guimarães

**Violino II**

Nancy Frederick  
 Tatiana Afanasieva  
 José Paulo Jesus  
 Pedro Rocha  
 Domingos Lopes  
 Mariana Costa  
 Catarina Martins  
 Karolina Andrzejczak  
 Francisco Pereira de Sousa  
 Paul Almond

**Viola**

Mateusz Stasto  
 Anna Gonera  
 Hazel Veitch  
 Luís Norberto Silva  
 Rute Azevedo  
 Biliana Chamlieva  
 Theo Ellegiers  
 Francisco Moreira

**Violoncelo**

Vicente Chuaqui  
 Feodor Kolpachnikov  
 Michal Kiska  
 Hrant Yeranossyan  
 Aaron Choi  
 Bruno Cardoso

**Contrabaixo**

Florian Pertzborn  
 Nadia Choi  
 Joel Azevedo  
 Slawomir Marzec

**Flauta**

Ana Maria Ribeiro  
 Angelina Rodrigues  
 Alexander Auer

**Oboé**

Tamás Bartók  
 Roberto Henriques  
 Telma Mota\*

**Clarinete**

Carlos Alves  
 João Moreira  
 Gergely Suto

**Fagote**

Gavin Hill  
 Vasily Suprunov  
 Robert Glassburner

**Trompa**

Samuel Seidenberg\*  
 José Bernardo Silva  
 Hugo Carneiro  
 Eddy Tauber  
 Bohdan Sebestik  
 Hugo Sousa\*

**Trompete**

Ivan Crespo  
 Luís Granjo  
 Rui Brito  
 Ales Klancar\*

**Trombone**

Severo Martinez  
 André Conde\*  
 Nuno Martins

**Tuba**

Luís Oliveira\*

**Tímpanos**

Jean-François Lézé

**Percussão**

Bruno Costa  
 Paulo Oliveira  
 Nuno Simões  
 André Dias\*

**Harpa**

Ilaria Vivan

**Piano**

Luís Duarte\*

**Celesta**

Raquel Cunha\*

**Órgão**

Luís Filipe Sá\*

\*instrumentistas convidados



APOIO INSTITUCIONAL

MECENAS PRINCIPAL CASA DA MÚSICA

